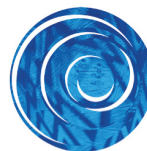




BRASKEM APRESENTA

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



O caminho - para o futuro da humanidade

Com o passar da idade, não perdi minhas motivações, perdi minhas ilusões.
Edgar Morin, Sala São Paulo, 9 de agosto de 2011.

O *Fronteiras do Pensamento* possibilitou aos seus participantes uma reflexão sobre o pensamento de dois grandes intelectuais da atualidade: o sociólogo polonês Zygmunt Bauman e o filósofo francês Edgar Morin.

Em função de graves problemas de saúde em sua família, Bauman não pôde vir ao Brasil. A equipe do *Fronteiras* foi até sua residência, na cidade inglesa de Leeds, para gravar uma entrevista exclusiva, exibida antes da conferência de Edgar Morin. Bauman falou sobre diversos temas que envolvem seu conceito de *modernidade líquida*, como a fragmentação da vida humana e a perda da necessidade de um projeto de vida.

Ponto comum à fala de Morin, foi a visão de Bauman sobre a próxima era, como o mundo deve se posicionar para a construção do período seguinte à chamada pós-modernidade: “a democracia está em decadência. Cada vez mais pessoas duvidam dela, pois o Estado sem poder oferece cada vez menos aos cidadãos. Hoje, espera-se que indivíduos encontrem soluções individuais para problemas sociais usando inteligência e recursos individuais. Se esse novo individualismo for o caso, por que eu me preocuparia com o governo, com as eleições, com a democracia? Esse é o perigo.”

[Clique aqui para assistir à entrevista com Zygmunt Bauman na íntegra.](#)

A ambivalência da Globalização: rumo a novos caminhos

Aos 90 anos de idade, o filósofo francês Edgar Morin decidiu dedicar suas próximas obras a um chamado geral ao mundo. *La Voie* (O Caminho), seu mais recente livro, discute a complexidade da crise mundial e aponta saídas para a humanidade, agora uma comunidade de destino que enfrenta perigos comuns pela primeira vez na história.

O ponto de partida de sua fala foi de conhecimento geral: o mundo está em crise. Crise econômica, social, filosófica, ecológica, total. Mas o que é esta crise? Para Morin, crise é um período de transição, de fronteiras que se desfazem e que criam catástrofes e conflitos nos mais longínquos locais do mundo globalizado, afetando todos os países direta e instantaneamente. Mas não apenas fatores negativos resultam de uma crise. De acordo com o filósofo, é precisamente do sistema em colapso que surge a possibilidade da metamorfose, de uma mudança geral na democracia, na educação, na economia e, sobretudo, na forma de pensar a própria crise.

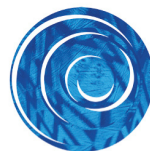


WWW.FRONTEIRASDOPENSAMENTO.COM.BR



BRASKEM APRESENTA

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



A crise econômica

Em agosto de 2011, uma agência de classificação de risco rebaixou a moeda americana pela primeira vez na história. O evento desencadeou uma tempestade mundial nas bolsas de valores. Para o conferencista, este episódio ilustra uma das principais características do nosso tempo: a especulação financeira, que domina estados e nações. O capitalismo especulativo tem tornado grandes estados impotentes frente à economia. Como a ciência econômica, sofisticada no plano matemático, é tão impotente frente aos problemas econômicos mundiais? Morin argumenta que isso ocorre, principalmente, por causa da separação do pensamento. “Uma crise econômica aconteceu em 2008, mas 95% dos economistas não a previram. Eles sequer puderam prever seu desenvolvimento. Por que não puderam prever a crise? Por causa do conhecimento separado em que nosso pensamento está estruturado.”

A economia não está separada do resto do mundo, afirma. O medo que a crise econômica atual gera nas sociedades afeta os indivíduos e influencia a vida de todos sob os mais diferentes aspectos. Uma ciência baseada no cálculo não pode prever e compreender o sofrimento e a angústia que uma situação como essa cria e como ela modifica o comportamento dos seres humanos. As novas tecnologias - desde o surgimento do fax - têm tornado a comunicação mundial interligada e instantânea. Por outro lado, é a própria dissolução das fronteiras que gera o movimento oposto, de fechamento e de preservação, pois “a unificação técnica tende a dissolver e a destruir as culturas singulares ligadas a uma história concreta. É o medo da dissolução que faz com que as culturas se fechem”, justifica.

A crise da crença no progresso

Juntamente com todos estes fatores, a crença de que a humanidade só poderia crescer para o melhor se perdeu. Seja na democracia, na economia capitalista, no comunismo, enfim, houve um “desabamento da esperança”. Quando o presente é conflituoso e o futuro é desesperançoso, tendemos a nos refugiar e nos fechar no passado, esclareceu. Para lutar contra este movimento, é preciso que sejamos capazes de pensar a unidade humana como um todo. “A unidade não pode ser apenas técnica e econômica. Se a unidade verdadeira acontecer um dia, o será por meio da aceitação plena das diversidades das culturas, pátrias e nações”.

Em analogia, Morin mostrou como a aceitação simultânea das unidades e das diversidades já é uma constante entre nós: enquanto seres humanos, rimos e choramos, nascemos e morremos da mesma forma, mas, enquanto indivíduos, temos hábitos, desejos, culturas diferentes. “Só conhecemos nossa cultura através das diferentes culturas. A unidade humana se manifesta através da diversidade e precisa dela carece. Mas a diversidade cultural precisa da unidade humana”. Para alcançarmos esta mesma aceitação em âmbito mundial, é preciso uma nova política e um novo pensamento, que não concebam “o outro” enquanto inimigo, que não divinizem a si mesmos e eliminem o outro.

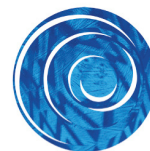


WWW.FRONTEIRASDOPENSAMENTO.COM.BR



BRASKEM APRESENTA

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



A crise do estado nação e da democracia atual

Importante ponto comum às falas de Bauman e Morin foi a necessidade da mudança no sistema democrático: “como Bauman nos disse, é preciso inventar uma democracia global. A democracia grega foi criada para as pequenas cidades; a parlamentar, para as nações. Agora, é preciso criar uma democracia em escala mundial”, aponta o filósofo francês.

Precisamos não só proteger os estados nacionais, mas criar realidades supranacionais para tratar dos problemas comuns. A ONU não está dando conta dos problemas mundiais da economia, da biosfera ou como a eliminação das armas de destruição em massa. Mais ainda, o planeta Terra não está dando conta dos problemas que o sistema que atualmente o gerencia suscitou. Mesmo que não seja possível prever como será essa nova democracia, argumenta, é possível confiar na criatividade humana. “A história mostrou criatividade em todas as áreas: nas artes, na ciência, no pensamento e nas próprias formas de sociedade. A democracia em si foi uma invenção de uma pequena sociedade, Atenas.”

A crise do pensamento

A globalização é um fenômeno ambivalente, argumenta o filósofo francês. Ela gerou catástrofes mundiais, mas também colocou toda a humanidade frente a um mesmo destino pela primeira vez na história. Para compreender este destino interdependente e lidar com as situações que se apresentam, é preciso acabar com o pensamento separado. Mais do que uma crise econômica, estamos diante de uma crise no pensamento humano, incapaz de abarcar a complexidade do fenômeno que caracteriza nosso contexto atual. “Nossa estrutura global exige que reunamos os conhecimentos se quisermos interrogar os processos da globalização. O modo de conhecimento que nos ensinaram nas escolas secundárias e nas universidades nos torna incapazes de compreender os problemas fundamentais e globais, diante dos quais a nossa inteligência está cega.”

A lição histórica

Conhecer o passado para compreender o presente e o futuro. Em retrospecto à crise econômica de 1929, o filósofo alerta para as semelhanças históricas: “uma crise econômica grave se torna uma crise generalizada de toda a sociedade”. Em 1929 enfrentamos a chegada legal do partido nazista ao poder na Alemanha e sobressaltos históricos como a guerra da Espanha, a crise da democracia na França e todo um processo complexo que levou à II Guerra Mundial. “Estamos neste período, em que todas as crises estão interligadas”, “vemos o aumento das armas de destruição em massa, maniqueísmos e fanatismos irrompendo - e o perigo aumenta.”

A crise no mundo globalizado também é globalmente ambivalente: todos estes perigos em escala mundial nos inserem numa comunidade de destino. Este é o lado positivo da globalização. Toda a humanidade precisa fazer da Terra uma nova pátria, englobando todas as culturas. “Hoje não é uma questão de defender privilégios e esquecer os que sofrem. É o momento de defender a causa de toda a humanidade, e não há uma classe privilegiada que vai garantir a salvação. Digo para os jovens que eles têm uma causa mais justa, mais bela e maior que aquela pela qual estávamos dispostos a sacrificar nossa vida. A esperança não é uma certeza. Antes, a esperança era uma crença e resultou uma ilusão. Se existir a esperança, temos o fermento necessário para toda transformação, para alcançar uma metamorfose”, complementou Morin.



WWW.FRONTEIRASDOPENSAMENTO.COM.BR